

LITERATURA E PODER: CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES NA OBRA “FILHOS DA PÁTRIA”

Mariana Luísa Schaeffer BRILHANTE¹, Cassiana GRIGOLETTO²

¹ Bolsista de Iniciação Científica do Ensino Superior (BICTES/IFRS). Curso de Licenciatura em Letras — Português e Espanhol. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul (IFRS), campus Restinga. ² Profa. Orientadora. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rio Grande do Sul (IFRS), campus Restinga.

E-mails: marsbxx@gmail.com; cassiana.grigoletto@restinga.ifrs.edu.br

Resumo

Diante da fragmentação de paisagens culturais e configurações de novas pertencas, que produzem fenômenos de destradicionalização e de reinvenção da tradição, surge a necessidade de repensar determinados conceitos, como as noções fixas de sujeito e nação, num constante alargamento de fronteiras disciplinares. Para compreender esses processos que marcam a nossa condição “pós” (pós-moderno, pós-colonial), objetivamos estudar a literatura pelo viés dos Estudos Culturais e das teorias Pós-Coloniais. Analisamos as construções identitárias da africanidade nas literaturas de língua portuguesa, observando os efeitos da colonialidade do poder e/ou mecanismos de descolonização em narrativas pós-coloniais. Por compreendermos a literatura como um produto cultural que, cada vez mais, exige uma reflexão sobre os modos de (re)articulação dos tecidos narrativos, os elementos culturais formadores de identidades e as relações de poder que os constituem, aspectos ainda mais significativos nos contextos africanos ou afrodiáspóricos, analisamos a estrutura narrativa e os aspectos temáticos dos contos “Tio, mi dá só cem” e “O feto”, que integram a obra *Filhos da Pátria* (2008), do escritor angolano João Melo.

INTRODUÇÃO

A literatura é um produto cultural extremamente importante para os povos africanos, que se configura como um mecanismo de reflexão dos problemas e dilemas socioculturais, históricos e geopolíticos e, conseqüentemente, de discussão de elementos culturais formadores de identidades e das relações de poder que os constituem. Nesse sentido, desenvolvemos as análises dos contos “Tio, mi dá só cem” e “O feto”, ambos do escritor angolano João Melo. Pelo viés dos Estudos Culturais e das teorias Pós-Coloniais, objetivamos, principalmente, analisar as construções identitárias da africanidade nestas narrativas, observando seus processos geopolíticos e socioculturais, os contínuos efeitos da colonialidade do poder, bem como as estratégias textuais que funcionam como mecanismos de descolonização.

MATERIAIS E MÉTODOS

Por meio de uma metodologia qualitativa e uma abordagem exploratória, as ações desenvolvidas por esse projeto de pesquisa integraram etapas que envolveram a seleção do *corpus* literário para a análise, a investigação e apropriação de conceitos teóricos e críticos e, por fim, o trabalho de seleção de fragmentos textuais para os procedimentos de escrita interpretativa e analítica. Durante todo o processo, foi necessário adotar uma perspectiva descritiva, relacional, comparatista e transdisciplinar, exigência das próprias proposições teóricas dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, que sustentam a presente proposta de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A obra *Filhos da Pátria* é composta por dez contos, dos quais, dois se diferem dos demais por apresentarem uma estrutura compositiva semelhante. Os contos “Tio, mi dá só cem” e “O feto” são compostos apenas por vírgulas, recurso composicional que constrói uma narrativa acelerada e angustiante. Pela voz das personagens, em um discurso ininterrupto, mas

entrecortado por memórias do passado e falas no presente, os adolescentes revelam que são os deslocados da guerra, pois são forçados a abandonar o mato para viver na rua ou nos musseques de Angola.

O conto “Tio, mi dá só cem” inicia-se com a frase “Tio, mi dá só cem, só cem mesmo pra comprar um pão, tô então com fome, inda não comi nada desde antesdntem [...]” (MELO, 2008, p. 27) e logo a narrativa é continuada com o personagem contando sua história, num misto de desabafo, desespero e angústia.

Uma característica importante em tais contos, e que logo chama a atenção, é a falta de pontos finais. Ambos os contos são compostos apenas por vírgulas, recurso composicional que constrói uma narrativa acelerada, passando a ideia de pressa e ansiedade. Essa construção da estrutura narrativa também pode ser vista como uma marca da oralidade, que também foi observada a partir de expressões como “antesdntem”, “agorinha-agorinha” e “logologo”, que estão presentes nos dois contos.

Ainda no conto “Tio, mi dá só cem”, o jovem explica que estudou até a quarta série “[...] também andei na escola, cheguei até na quarta, a bê, cê, dê, um, dois, três, quatro, num é assim tio [...]” (MELO, 2008, p. 27) e que veio do *mato* — região rural de Angola. Durante a fala do personagem, que é interposta por momentos de nostalgia e pelo apelo por dinheiro para se alimentar, também fica clara a prostituição de meninos e meninas na região, como explica “[...] eu lhe vi quando ele chegou com a garina, parecia filha dele, ou neta, sei lá, meteu o carro lá bem no fundão perto das pedras” (MELO, 2008, p. 27).

O segundo conto, “O feto”, inicia-se com uma narrativa tão apressada quanto a do conto anterior. Nele, vemos uma personagem que realizou um aborto ilegal, e logo na primeira fala ela se explica: “É verdade mesmo, esse feto que está aí no chão esvaindo-se totalmente no meio do lixo era meu mesmo” (MELO, 2008, p. 147). A personagem passa a explicar sua gravidez indesejada e seus motivos para ter abortado o feto: “[...] quem é mesmo o pai dele, não sei, eu sou puta, fodo com todo o mundo” (MELO, 2008, p. 147). A personagem, assim como a personagem do conto anterior, havia vindo do *mato* — região rural de Angola. Ela explica que seus dois irmãos desapareceram na Guerra, sua mãe apanhava de seu pai, que era ausente mesmo estando sobre o mesmo teto, e que, para matar a fome, sua mãe pediu que se prostituísse: “[...] a minha mãe mesmo é que me mandou na rua mas não vale a pena lhe condenarem só à toa, aqui mesmo no nosso contexto quem é que pode atirar pedradas nas costas dos outros” (MELO, 2008, p. 147). A personagem continua seu relato, que assim como no conto anterior, é marcado por uma estrutura narrativa rápida, sem pontos finais e com muitas informações, como um desabafo.

Diante disso, observa-se que o sentimento de perda e de abandono social está presente nos dois contos. Além disso, observa-se que nas duas narrativas essas crianças abandonadas a própria sorte cometem um crime, reproduzindo a violência sofrida pela população angolana durante a guerra civil, que se iniciou logo após o país conquistar sua independência, em 1975, e se manteve, com alguns intervalos, até 2002. O fato de os personagens não possuírem nome, sobrenome ou características físicas, apenas comportamentos psicológicos que demonstram ser fruto da guerra e do abandono, associado à construção narrativa ininterrupta pela ausência de pontos, transmitem a ideia de continuidade, pois os efeitos econômicos, políticos e sociais do colonialismo continuam a produzir indivíduos como esses, as vítimas do processo de colonização. Tal constatação foi ancorada nas teorias pós-coloniais, principalmente no conceito de “colonialidade do poder”, desenvolvido por Aníbal Quijano em 1989. Quijano defende que as estratégias produzidas pela episteme eurocêntrica para justificar o colonialismo e subjugar os demais povos, principalmente os negros e ameríndios, ultrapassa as esferas políticas e econômicas e atinge ainda hoje as culturas e estruturas socioeconômicas.

Assim, a partir de uma análise comparativa entre as histórias narradas nos respectivos contos, os quais apresentam personagens que lutam pela sobrevivência em meio à miséria e abandono

social, observou-se a representação identitária dos filhos que a “pátria” angolana tem gerado, produtos dos processos socioculturais, políticos e históricos da colonização. Valendo-se das teorias pós-coloniais, verificou-se os efeitos políticos da colonialidade do poder e algumas representações identitárias angolanas nas literaturas africanas de língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado do projeto, observou-se que os contos de João Melo são representativos de uma escrita pós-colonial que vem discutindo ficcionalmente mecanismos de reflexão e desconstrução dos processos de colonização e seus efeitos. Nesse sentido, é possível apontar que a crítica à sociedade e às pessoas que a constroem, ficcionalizadas nos contos, delineiam importantes opções para pensar a constituição das africanidades.

A partir do desenvolvimento da pesquisa, podemos pensar a importância das literaturas africanas para o combate à redução das desigualdades de toda ordem, principalmente nas periferias das grandes cidades, repletas de narrativas que constituem esses espaços de exclusão social. Além disso, o estudo da literatura africana promove a formação e difusão do conhecimento para a futura prática pedagógica, que prevê a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos de ensino básico, conforme a Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008.

AGRADECIMENTOS: este estudo foi financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e/ou Tecnológica (PROBICT/IFRS) e Auxílio Institucional à Produção Científica e/ou Tecnológica (AIPCT/IFRS) contou com uma bolsa BICTES/IFRS.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & Escritas Pós-Coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MELLO, João. *Filhos da Pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005.